

núcleo bandeirante

LUGAR DE DESEMBARQUE DE MUITOS BRASILEIROS NA CAPITAL, ANTIGA CIDADE LIVRE SE EXPANDE MAS MANTÉM CLIMA DE INTERIOR

LIBERDADE PARA CRESCER

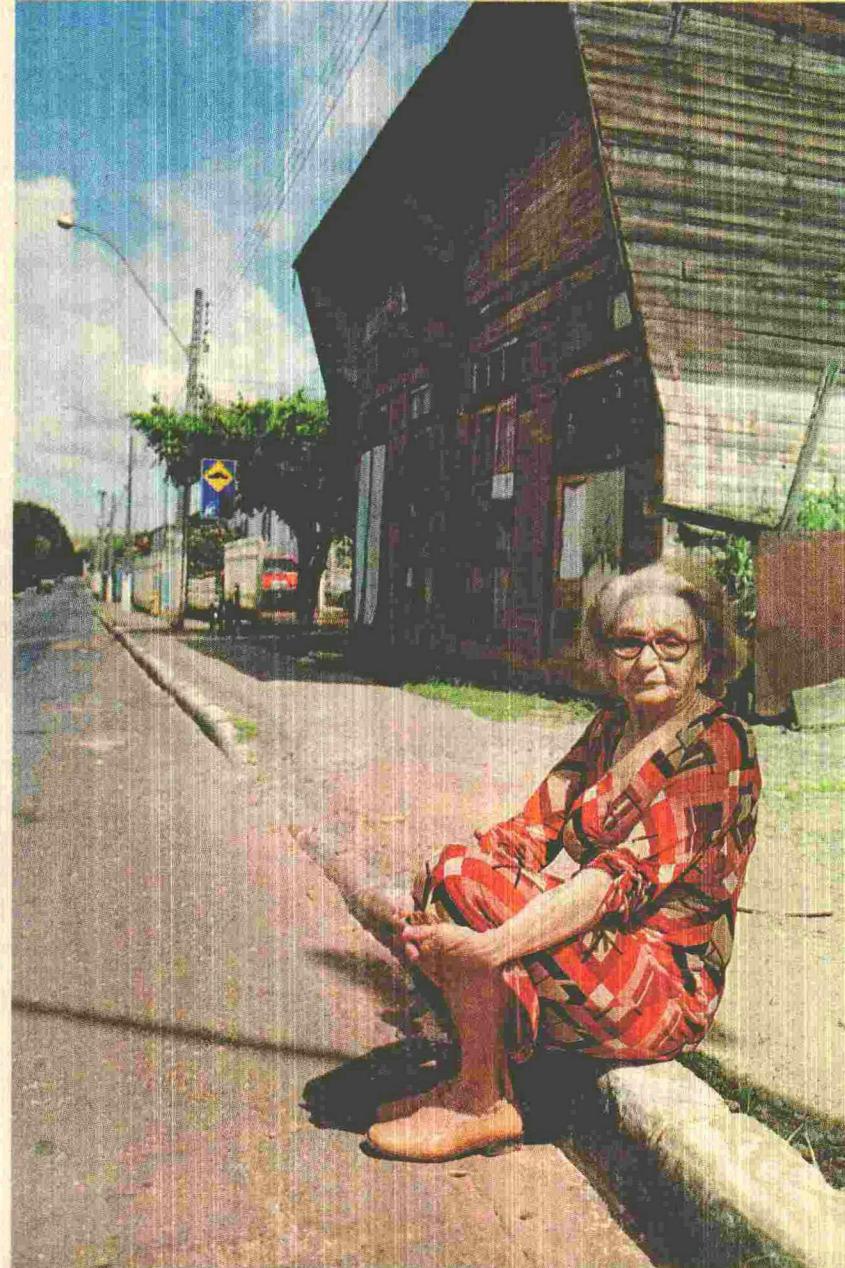
Era 1958. Um mundo despertava no cerrado, "ressoante de sons metálicos e estuante de energia humana", nas palavras do presidente JK. Novas esperanças tomavam conta de homens e mulheres que chegavam ao Planalto. A paraibana Ester Barbosa de Azevedo, 80 anos, estava entre esses desbravadores. Saiu do Nordeste com três cruzeiros, deixando três filhos para trás — que seriam buscados no ano seguinte. "Tinha poeira para todo lado", recorda.

Poeira e lama, quando chovia. Essas são as imagens mais marcantes na memória da pioneira, quando fala sobre a Cidade Livre, local onde desembarcou do pau-de-arara que a trouxe do norte em 12 dias. Ela conseguiu emprego de cozinheira e servente num bar. Depois arrumou outro na Metropolitana, na casa de um engenheiro. Trabalhou ainda no restaurante Oásis do Leão e no Grande Hotel. Ao sair do hotel, teve um "boteco" e, em seguida, um restaurante.

Ester trabalhava na Avenida Central e morava na 3ª Avenida. "Aluguei um barraco. Não tinha água nem luz. Só os hotéis tinham gerador. Um caminhão pipa trazia a água ou eu ia buscar com lata na cabeça. Banho era de água fria e em barraco cheio de brecha. E era um tal de barraco pegar fogo porque a gente usava lâmpião com querosene", lembra a pioneira.

Desses tempos, apenas a disposição das avenidas do Núcleo Bandeirante continua a mesma (das cinco avenidas, apenas a quinta — que era uma invasão até 1960 — desapareceu). Poucos barracos da época permanecem de pé: a Igreja Nossa Senhora Aparecida, conhecida como igrejinha da Metropolitana, ainda em funcionamen-

Acácio Pinheiro



A PARAIBANA ESTER
AZEVEDO CHEGOU AO
NÚCLEO BANDEIRANTE
DE PAU-DE-ARARA:
SÍMBOLO DE
RESISTÊNCIA

to; o HJKO, primeiro hospital de Brasília, agora Museu Histórico; o Centro de Ensino da Metropolitana e o Toy Clube de Brasília, clube recreativo onde os homens jogavam e bebiam.

Todos esses prédios estão cercados de asfalto, meio-fio e calçadas. Paisagem diferente daquele chão que, em dias de chuva, transformava-se em lamaçal. O Bandeirante surgiu no final de 1956, quando chegavam os primeiros candangos, e deveria acabar quatro anos depois. Enquanto existisse, abrigaria hotéis, bares, restaurantes, cinema, feiras, mercados e até escolas. O governo de Juscelino Kubitschek incentivava a quem quisesse trabalhar e montar negócio na área. Por isso não cobrava taxa alguma por lotes aos interessados. Livre de quaisquer encargos fiscais, recebeu o nome de Cidade Livre.

Quando o lugar estava prestes a desaparecer, seus moradores realizaram o Movimento Pró-Fixação e Urbanização do local. No dia 14 de dezembro de 1961, foi sancionada a Lei nº 4.020 que fixou o núcleo e deu a ele o nome de Núcleo Bandeirante (a data marca o aniversário da cidade). Dois anos antes, muitos moradores e comerciantes haviam se mudado para Asa Norte, Taguatinga e Gama. Outros ficaram. "A Cidade Livre foi a cidade-mãe", compara o advogado e empresário Linaldo de Araújo Persiano, 65, desde 1959 na cidade. "É uma pena que quase nada tenha restado do Bandeirante antigo".

Atualmente, os moradores da cidade continuam prestigiando o comércio local e ainda andam a pé pelas ruas do lugar. O Núcleo Bandeirante expandiu-se e ganhou muitas áreas, aglutinadas na mesma região administrativa. Tem hoje cerca de 36 mil habitantes. Com a evolução, os problemas surgiram. Mas a tranquilidade típica do interior ainda é sua principal característica. Tanto a Feira Permanente como o Mercadão ajudam a manter a tradição dos mercados, lançada na época em que era conhecida como Cidade Livre. (MARCELO ROCHA)